

EXPLORANDO AS RAÍZES DA HISTÓRIA: O CANGAÇO NA MEMÓRIA COLETIVA DA CIDADE DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO - SE

Ana Paula de Almeida¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo entender como o cangaço está representado na memória coletiva da população da cidade de Canindé de São Francisco - SE. O campo da historiografia a que encontra-se vinculada é a História Oral. Para alcançar tal meta, realizaram-se entrevistas orais com moradores que viveram na região na mesma época em que o bando de Lampião passou pela cidade, e também com estudantes do último ano do Ensino Médio de escolas públicas da localidade. Essas entrevistas foram articuladas com bibliografia sobre o tema. A partir disso foi possível observar que os pontos de vista apesar de serem diversos ao associar a figura de vingador, criminoso ou herói à Lampião e seu bando, entram em consenso ao entender que a memória do cangaço faz parte da identidade do cidadão canindeense.

Palavras-chave: cangaço; entrevistas; identidade; memória; turismo.

Abstract

This article aims to understand how cangaço is represented in the collective memory of the population of the city of Canindé de São Francisco - SE. The historiography field to which it is linked is Oral History. To achieve this goal, oral interviews were carried out with residents who lived in the region at the same time that Lampião's gang passed through the city, and also with students of senior year of high school from public schools in the locality. These interviews were articulated with bibliography on the topic. From this it was possible to observe that the points of view, despite being diverse when associating the figure of avenger, criminal or hero with Lampião and his gang, come to a consensus when understanding that the memory of the cangaço is part of the identity of the Canindeense citizen.

Keywords: cangaço; interviews; identity; memory; tourism.

Introdução

O cangaço foi um movimento social ocorrido no sertão do nordeste brasileiro, com primeiros registros a partir da segunda metade do século XIX, e que teve seu apogeu em 1940 com a morte de Cristino Gomes da Silva Cleto, o Corisco, também conhecido como “Diabo loiro”, o último cangaceiro do bando do famoso Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. A motivação da sua origem é um ponto de discussão entre pesquisadores da área: alguns a veem ligada às insatisfações do homem sertanejo com as autoridades locais, mas existem aqueles que acreditam que o cangaço passou a ser uma forma de ganho de vida. Nem sempre as motivações para adentrar no cangaço eram relacionadas à vingança, pois alguns jovens se

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe – e-mail: almeidaanapaula285@gmail.com

juntavam ao bando por desejo próprio, por reconhecerem um certo heroísmo em ser cangaceiro e também pela ganância de conquistar ouro e bens preciosos.

Neste trabalho utilizamos uma definição de cangaço próxima à concebida por Frederico Pernambucano de Mello, de modo que acreditamos que o cangaço foi um fato complexo e cabe aqui enxergá-lo como não apenas um cangaço, mas sim múltiplos. O primeiro estava ligado ao sertanejo e seus líderes reivindicavam direitos para aquele povo esquecido pelos governantes; já o segundo é aquele que por usar da violência, saques e atrocidades, é visto como bandido. Cabe lembrar que as práticas cangaceiras entravam em conflito com interesses dos detentores do poder, representados nas figuras de coronéis e policiais, como também acabavam amedrontando e entrando em conflito com a população sertaneja que passava pelo seu caminho. Conheciam as caatingas nordestinas muito bem, aquele bioma passou a ser seu lar e muitas vezes seu aliado para despistar a polícia.

Houve grandes líderes no cangaço, a exemplo de Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino e Sinhô Pereira, mas a personalidade que mais se destacou e popularizou a prática enquanto esteve à frente, foi Virgulino Ferreira, Lampião, que de tão emblemático ganhou o título popular de o “Rei do Cangaço”. Lampião adentrou na vida bandoleira no ano de 1921, por motivos familiares, queria cometer vingança contra aqueles que mataram seu pai por conta de disputas de terra². Não demorou muito até ganhar destaque e passar a liderar o antigo bando de Sinhô Pereira³, seu mestre. Seus locais de atuação podem ser descritos como as terras acima do Rio São Francisco, ou seja, estados como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, e terras abaixo do rio, a exemplo de Sergipe e Bahia. A entrada do bando de Lampião em terras sergipanas se deu após seu bando arranjar confusão nas terras de um coronel baiano, que estava sendo seu coiteiro nas terras da localidade Raso da Catarina - BA. Entende-se como coiteiro aqueles que de certo modo simpatizavam ou colaboraram por medo com a causa e prestavam ajuda aos cangaceiros, seja doando mantimentos, prestando serviços ou os escondendo em suas terras.

Durante seus anos por Sergipe, utilizou-se das caatingas de mata fechadas dos territórios onde hoje se localizam as cidades de Poço Redondo e Canindé de São Francisco, para fazer de esconderijo, estas regiões se tornaram lar para o bando de Lampião. O grupo era

²José Ferreira, pai de Lampião, esteve envolvido em disputas de terra com José Alves de Barros, conhecido como Zé Saturnino, seu vizinho com influência na política local. Precisou se mudar da região, mas mesmo assim os conflitos não cessaram. Em 1921, J. Ferreira foi assassinado e este fator foi crucial para que Virgulino ingressasse de vez no cangaço, pois havia o desejo de vingança contra o coronelismo local.

³ Sebastião Pereira e Silva, também chamado de Sinhô Pereira, foi cangaceiro no período de 1907 a 1922. Atuou nos estados de Pernambuco, Paraíba e Ceará. Entrou no cangaço com seu primo, motivado a vingar a morte de um familiar importante na política local. Foi chefe do bando que posteriormente passou para Lampião.

conhecido por sua violência e grandes quantidades de crimes, seja por vingança ou revolta. A população daqueles vilarejos vivia amedrontada com a possibilidade de cangaceiros estarem em suas terras. Existiam também aqueles que tinham muito apreço pela figura de Lampião, lhe acoitando e até recebendo visitas em suas casas.

A cidade de Canindé de São Francisco, localizada no alto sertão sergipano, com cerca de 26 mil habitantes, foi palco de perversidades feitas pelo bando de Lampião, à exemplo do famoso caso no qual o cangaceiro Zé Baiano ferrou o rosto e nádegas de 3 mulheres daquela região. Além disso, o bando utilizou-se das matas fechadas daquela cidade como esconderijo por um certo período. Entretanto talvez pela perversidade com que o bando é lembrado na memória coletiva, ou apenas pelo apagamento natural das histórias passadas dado pela morte daqueles que viveram o período, essa parte da história da cidade vem sendo esquecida nas rodas de conversa, nas escolas e também em eventos promovidos recentemente pela secretaria de turismo. Porém, é fato que o cangaço faz parte da história canindeense, e devido à ausência dessa pauta na história recente da cidade buscou-se fazer esta pesquisa como forma de tratar da memória deste período e perpetuar a história local.

Este trabalho investigou a memória coletiva do cangaço na cidade de Canindé de São Francisco – SE, utilizando-se de entrevistas que abordaram a memória do cangaço feitas à antigos moradores, filhos e netos dos que realmente viveram as tensões daquele período e também à jovens canindeenses que hoje cursam o terceiro ano do Ensino Médio.

A Memória Coletiva já é estudada desde o século passado e tem como um de seus pioneiros Maurice Halbwachs, que a define como “o processo social de reconstrução do passado realizado por um determinado grupo, que compartilha uma experiência comum em torno do período correspondente” (1990, p. 81). A forma que estes grupos retratam esse passado em comum pode ser distinta de pessoa para pessoa, pois suas memórias individuais são formadas sob influência de fatores distintos, como proximidade do fato, local em que vivem e condições econômicas. Esse estudo também teve valor social já que foi uma maneira de abordar a importância da história do cangaço para o turismo em Canindé - SE, uma vez que suas cidades vizinhas (Piranhas - AL e Poço Redondo - SE) exploram muito mais o tema do que a própria, que também fez parte e teve relevância crucial neste período.

Este trabalho utilizou o conceito de memória para responder à questão central da pesquisa. É importante lembrar que a partir da década de 70 a historiografia passou por uma série de mudanças, pois os historiadores estavam preocupados em descobrir qual seria seu objeto de estudo e quais os métodos para o alcançar, aproximando-se assim da cientificação da história. Novas fontes passaram a ser consideradas aptas para uso da História como

ciência, além das habituais fontes escritas. Fotografias, músicas e registros orais são exemplos. Entretanto a discussão sobre registros orais e memória foi alvo de opiniões divergentes na historiografia. O fato de a memória utilizar registros orais para produzir sua documentação, trouxe a subjetividade do entrevistado como aliada à pesquisa, para alguns pesquisadores esse é um ponto negativo pois a memória é manipulável e seu uso pode afastar a cientificidade da História. Porém há outra gama de estudiosos que afirmam que a memória é essencial para que acontecimentos importantes não caiam no esquecimento. Ainda há de se considerar a problemática ressaltada pelo historiador Pierre Nora ao estudar a relação de memória e história, que afirmou estarmos passando por uma aceleração da história, ou seja, a globalização trouxe a sensação de que o tempo está passando mais rápido e estamos nos afastando cada vez mais da geração passada. Sendo assim, a memória é, em parceria com a História Oral, um aparato para coletarmos dados deste tempo, auxiliando ainda na formação da identidade do indivíduo.

Aqui a memória será entendida como um meio de preservar o passado do esquecimento, mas sempre com a noção de que por se tratar de um esforço individual para recordar o coletivo, esteve passível de constantes mudanças. Para entender o conceito de memória foram utilizadas as produções tradicionais como *História e Memória* (1996) de Jacques Le Goff, *Memória Coletiva* (1990) de Maurice Halbwachs e ainda o que foi escrito sobre o tema na contemporaneidade como *Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação* (2001) de Márcia Mansor D'Alessio e Educação, *memória e histórias de vida: usos da história oral* (2005) de Valeska Fortes de Oliveira. Uma memória individual pode ser afetada por lembranças, esquecimentos ou manipulações. Um grupo de familiares ou ex cangaceiros certamente recorda da polícia como truculenta e perversa e defende que os participantes do cangaço foram vítimas de injustiças, já ex policiais e suas famílias podem associar o cangaço como o maior símbolo de maldade e violência. A memória foi também abordada em sua perspectiva local, pois é através de lembranças de moradores que passou a ser discutido como o cangaço se apresenta na concepção dos cidadãos canindeenses.

Como a figura de Lampião e seu próprio bando eram lembradas? Justiceiro, homem de fé, bandido, impiedoso, são muitos os adjetivos destinados a eles. O objetivo dessa investigação foi compreender o processo de formação da memória coletiva do cangaço na cidade de Canindé de São Francisco – SE e através desse primeiro passo celebrar a cultura e história local. Para responder essa questão, esse trabalho adentrou no campo da História Social em articulação com a História Oral, utilizando-se principalmente do conceito de memória.

Foi realizada uma revisão de obras que abordam o cangaço como um todo à exemplo de *Guerreiros do Sol* (1985) de Frederico Pernambucano de Mello e como também obras que tratam o cangaço de forma mais regionalista à exemplo de *Lampião em Sergipe* (2011) e *Lampião Além da Versão: Mentiras e mistérios do Angico* (1996), ambas escritas por Alcino Alves da Costa; além disso realizaram-se entrevistas orais com contemporâneos àquele período que tiveram contato com o bando do cangaceiro Lampião, sejam através de histórias contadas de pai para filho, ou até mesmo participantes da história como coiteiros, comparadas com entrevistas dadas por estudantes da rede pública de ensino como forma de entender como estas memórias foram perpetuadas e até mesmo se estão sendo estudadas em sala de aula.

O olhar do povo canindeense à Lampião

A existência de grupos ou personalidades que por questões sociais tentaram resolver as injustiças existentes no seu meio, não é recente. Nas crenças populares, por exemplo, a figura de Robin Hood nos mostra um herói que roubava da nobreza para dar para os pobres. Porém, suas atitudes nem sempre foram vistas de maneira positiva, a depender da perspectiva de cada um, o herói poderia ser visto simplesmente como um ladrão. Nesse sentido, a figura do bando de Lampião se construiu de diversas maneiras no imaginário popular, alguns lembram somente dos crimes e atrocidades cometidos e outros os associam como justiceiros e homens de fé.

A história da cidade sergipana Canindé de São Francisco foi permeada pela passagem do bando de Lampião por volta do fim da década de 1920 até seus últimos anos de vida pelo sertão do estado. A população que viveu aquele tempo de medo e angústia foi responsável por transmitir às gerações posteriores todas as histórias do período. São inúmeras as percepções dos moradores sobre a *cabroeira*⁴, mas o fato é que nas rodas de conversa com familiares e amigos estas histórias sempre são lembradas como forma de fortalecer uma espécie de folclore local onde Lampião e seu bando já foram colocados.

Para realizar a pesquisa e analisar a percepção dos cidadãos canindeenses foi necessário fazer um recorte do público a ser entrevistado. Os critérios para esse recorte em primeiro momento foram a escolha de pessoas mais próximas possível da história local, no intuito de coletar narrativas verídicas. Prezou-se por moradores de Canindé na década de 30 ou os filhos e netos dessas pessoas. Boa parte dos moradores do que se é conhecido hoje em

⁴Grupo de cabras. Reg (Ceará) Malta de indivíduos chamados cabras, de capangas assalariados para assassinar ou para fazer o mal; cabralhada: A cabroeira de Lampião. In.: Dicio, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cabroeira/>. Acesso em 26 de setembro de 2023.

dia como Canindé de baixo⁵ já faleceu, o que dificultou o processo de entrevistas. Outro fator interessante a ser citado é que no processo de busca de entrevistados, alguns idosos não se disponibilizaram a dar entrevistas, justamente por se tratar de um tema sensível como o cangaço. Esse posicionamento demonstra uma visão negativa desses idosos sobre o Cangaceiro e seu bando, o fato dos entrevistados não nos ter fornecido maiores informações nos impede de saber se essa visão é de fato uma aversão à Lampião ou mexe com lembranças dolorosas dos entrevistados, seja por relembrar da violência do bando ou da polícia.

Antes de analisar as entrevistas faz-se necessário informar que a base desse trabalho é um campo da história muito discutido e eficaz nesse tipo de pesquisa: a História Oral. Como explicam Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira em seu livro Usos e abusos da História Oral “na história oral, o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes” (2006, p.15), ou seja, a História Oral se fez necessária para nos aproximarmos do objeto estudo: a memória dos moradores canindeenses. Este campo da história foi utilizado pois a maior parte das fontes foram viabilizadas através de entrevistas orais, minuciosamente planejadas e que posteriormente passaram a ser transformadas em fontes escritas. A História Oral é um campo da História que utiliza-se da oratória e entrevistas realizadas pelo historiador para coletar informações necessárias para a confecção de documentação de um tema que até então tem pouca coisa escrita seja por ser um recorte novo na historiografia ou até mesmo casos de grupos até então esquecidos, é uma forma de recuperar aspectos individuais de um coletivo que já se foi. Esse campo vem sendo bastante utilizado em pesquisas históricas por sua funcionalidade em ofertar novas fontes para a história.

O tipo de entrevista adotada foi qualitativo pois esse método trabalhou melhor as subjetividades e percepções dos entrevistados. Foram elaboradas uma série de perguntas semi estruturadas com a temática do cangaço em Canindé para serem utilizadas na entrevista oral. Como foram dois grupos distintos de pessoas, os que realmente viveram a época do cangaço e os jovens canindeenses que estão no terceiro ano do Ensino Médio, foram utilizados também dois questionários, um para cada grupo. A entrevista se deu totalmente de forma oralizada, sendo guiada pelas perguntas previamente preparadas; porém, em alguns momentos o entrevistado deixava-se levar por suas memórias e trazia novos questionamentos

⁵Em 1987 a cidade de Canindé precisou realocar todos seus moradores em um local mais elevado devido à construção da Usina Hidroelétrica de Xingó que precisou inundar o local onde estava a pequena cidade para a formação da barragem. Com o surgimento da nova Canindé, a antiga localidade passou a ser chamada de Canindé de baixo.

à conversa. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, autorizado pelos participantes e posteriormente digitalizadas para tornarem-se fontes escritas.

Dito isto, vê-se necessário explicar o traço da impessoalidade ao tratar de história oral, a partir da coleta de informações feita com entrevistas de pesquisa. Michel-Rolph Trouillot em seu livro “Silenciando o passado: o poder e a produção da história”, aponta que “narrativas são necessariamente esquematizadas de uma maneira que a vida não poderia ser, portanto, elas necessariamente distorcem a vida” (1995, p. 24). Assim, é necessário perceber que nenhuma narrativa pode ser tratada como verdade absoluta, visto que aquele que expõe a narrativa, não a deixa isenta do seu ponto de vista, ou seja, além de narrador, este também participa da ação. O legado de Lampião como Rei do Cangaço foi construído através de suas próprias ações durante sua participação no cangaço, suas ações para impor respeito muitas das vezes atravessavam a linha da barbárie, porém entre os sertanejos existem ainda aqueles que o lembram como justiceiro e invencível. O fato é que os feitos às vezes reais, às vezes resultados de criações mitológicas para engrandecer seus crimes, são lembrados na cultura popular do sertão nordestino e estão associadas à memória das cidades onde Virgulino fez morada. Segundo A. Portelli “a memória não é apenas ideológica, mitológica e não confiável, mas, principalmente uma forma de garantir o direito à identidade” (Portelli, 2000, p.46), portanto o cangaço já faz parte da identidade nordestina.

Uma das primeiras impressões coletadas a partir das entrevistas com os que de algum modo viveram o cangaço em Canindé é a do Lampião bandido, tirano. Ao relatar as andanças do cangaceiro e seu bando pela cidade, logo recordam do caso das mulheres ferroadas pelo cangaceiro Zé Baiano em 1932. O autor Alcino Alves da Costa narra o caso em seu livro Lampião Além da Versão, conta que o bando armou uma invasão na conhecida vila dos coronéis Hercílio e Antônio Brito. E no decorrer da ação, o cangaceiro Zé Baiano ferrou as jovens conhecidas como Maria Marques, Anízia do Forno e Isaura de Birrinho. Assim narra Alcino Alves Costa:

Quando o ferrete está no ponto certo, com aquela cor vermelho-fogo, entrega-o a Zé Baiano. O carrasco, incontinente, marca Anízia de um lado do rosto. A infeliz faz uma horrenda cara e grita de dor. O verdugo, então, sem dó e sem piedade, marca a outra face, e ainda, com um canivete, corta o cabelo da desventurada, alegando que só fazia aquilo porque ela era mulher de todos os “macacos”. Na outra rua pegam Maria Marques, levam-na para o velho e desativado quartel. Chegara a sua vez. Um outro fogo é aceso. O mesmo ritual. A mesma selvageria. Zé Baiano repete a mesma perversidade, ferrando-a também no rosto. Alguns cangaceiros gritam: - Catuca por baixo! Catuca por baixo! Zé Baiano atende os companheiros. Suspende o vestido da infeliz e ferra brutalmente suas nádegas e

vagina. Após marcar as duas infelizes, os facínoras seguem para o novo quartel. No trajeto prendem Isaura de Birrinho e levam-na para a delegacia. As mesmas barbaridades são repetidas e a pobre mulher é também ferrada (1996, p.43).

Mesmo que a ação não tenha sido feita pelo próprio Lampião, é notório que ele não se opôs aos feitos de seu cangaceiro. Esse caso tomou visibilidade pela crueldade empregada por Zé Baiano. A violência imposta de uma maneira tão natural pelas mãos do cangaceiro trouxe medo para o povo daquela pequena povoação e fortaleceu a imagem de criminoso para o bando no imaginário popular.

A violência do bando de Lampião foi um dos pontos estudados pelo pesquisador Frederico Pernambucano de Mello em seu livro *Guerreiros do Sol*. O autor afirma que a violência sempre esteve presente no cotidiano do homem sertanejo, seja no dia a dia para lidar com as necessidades da fazenda, ou como forma de assegurar a moral deste mesmo homem, isso o fez ver a morte com naturalidade. Frederico ainda aponta que não é de se estranhar a violência do cangaço, pois apesar dos feitos terríveis da cabroeira, a literatura popular através de cordéis e contos enaltece os casos de forma heroica, elogiando a bravura e coragem daqueles homens. Existe também a influência do surgimento das fotografias nessa concepção de cangaceiro enquanto herói, pois a partir do surgimento e certo nível de acessibilidade às fotografias notou-se uma maior preocupação na forma de se vestir dos cangaceiros. Roupas muito bem costuradas, poses pensadas para passar um ar de imponência aos cangaceiros, todo esse planejamento contribuiu para que a sociedade daquele período passasse a naturalizar de certa forma a violência exposta pelo cangaço.

A violência do cangaço foi um dos tópicos da conversa realizada com a canindeense Delfina Fernandes Alves, de 77 anos, que tem sua história de vida permeada pelo cangaço. Neta de Delfina Fernandes, viúva e grande proprietária de terras da região onde localizava-se Canindé nas décadas de 1920-30, dona da Fazenda Pedra D'água. A neta passou sua infância ouvindo histórias do cangaço através de sua mãe e sua avó, a avó além de ser coiteira do bando, produziu vestimentas para o cangaço pois na época utilizava da costura para complementar a renda. Ao tratar sobre a violência do cangaço, Dona Didi, como é popularmente conhecida, nos mostra que o temor gerado em Canindé causou um certo movimento migratório para as cidades, já que o bando passava pelas fazendas com maior frequência do que pelas cidades. Nas palavras da própria: “Quem morava no interior, muita gente veio para Canindé, a zona urbana, porque já era mais difícil eles virem. Acho que eles

nunca ficaram lá, se passaram foi rápido, mas de morar não, acho que por conta da polícia né? O que acontece é o seguinte, muita gente com medo”.⁶

Uma questão interessante a ser levantada é que a população canindeense relata que a violência não era empregada apenas pelos cangaceiros, a polícia também tratava a população de forma truculenta naquele local. Ainda pelas palavras de Delfina:

A volante também era cruel, eles invadiram a casa de vovó Delfina, ela havia viajado, quem contou foi minha mãe, Hilda Fernandes. Pedro de Elvira (caseiro da família) estava na Fazenda Pedra D'água, vovó Delfina teve que ir para Aracaju resolver algumas coisas e deixou só elas, tia Maria, tia Rosinha (avó de Evaldo Marinho), Pedro de Elvira e minha mãe Hilda. Quando os cachorros acuraram “pra dentro e pra fora”, quando você vê um cachorro acuado tá chegando gente. Aí Pedro disse: meninas venham tudo pra cá, porque vai chegar gente, era a volante. Foram atrás das armas, porque eles guardavam armas também, já que não podiam ir com a munição toda, aí chegava e distribuía pelas fazenda. Nisso, quando eles chegavam quebraram tudo dentro da casa da minha bisavó, arrebentaram ... “cadê, cadê?” Botando arma em Pedro de Elvira, em todo mundo.⁷

Na situação narrada, Delfina conta que uma das vezes que a polícia invadiu a casa de sua avó que era suspeita de acoitar o bando de Lampião, e como só encontraram suas filhas e o caseiro à quem nomeia de Pedro de Elvira, reviraram a casa e trataram o caseiro de forma ríspida e sempre apontando uma arma para o homem. Volante é o agrupamento de vários soldados, que em diligências, saem à procura de criminosos e foragidos (Costa, 1996, p. 113). Muitas das vezes, os integrantes das volantes eram civis que se uniram à causa para combater o cangaço, mas a maior parte da força era composta por policiais treinados em quartéis que encontraram dificuldade para executar suas ações em meio ao clima e vegetação da caatinga. Essa força militar geralmente estava associada aos grandes proprietários de terra que mais tarde tornaram-se o poder administrativo vigente, esta forma de poder é conhecida como coronelismo.⁸

Outra entrevistada foi a canindeense Nicinha de Almeida, 51 anos, neta de Manoel Senhor de Almeida, homem que viveu em Canindé no período em que o cangaço passou pela cidade e sempre contava as histórias desse tempo para os filhos e netos. A visão dela sobre o cangaço teve bastante influência do que seu avô contou para o seu pai. Seu avô também foi coiteiro, doava alimentos para o bando, mas segundo a mesma, esse ato era mais por medo do

⁶ Depoimento de Delfina Fernandes Alves, Canindé de São Francisco - SE, 29 de junho de 2023.

⁷ Depoimento de Delfina Fernandes Alves, Canindé de São Francisco - SE, 29 de junho de 2023.

⁸ Victor Nunes Leal, sem dúvida considerado um clássico do assunto, conceituou o coronelismo como “sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, e notadamente dos senhores de terra”. Dantas, Ibarê, 2019, p.16.

que por concordar. Em seu relato afirma: “Meu avô contava que todos os adultos da casa precisaram dormir na caatinga algumas vezes, deixando apenas os filhos em casa, já que eles respeitavam as crianças, mas se tivesse algum homem ou mulher em casa, Lampião ou quem quer que seja, obrigava a cozinhar e você sabe que se não fizesse o que eles pediam, a surra era grande”.⁹

A fala de Nicinha demonstra que a violência costumeira da cabroeira foi decisiva para a sua família associar o bando a bandidos. O historiador Eric Hobsbawm em seu livro “Bandits”, inaugurou o termo banditismo, ao explicar Lampião e outras personalidades que se destacaram em uma sociedade camponesa como líderes que tentaram mudar sua realidade ou de uma minoria a sua volta, revertendo o poder financeiro que estava nas mãos de grandes proprietários de terra. Para o autor, Lampião entrou no cangaço como consequência da sociedade em que vivia, ou seja, as grandes secas e o esquecimento por parte dos governantes para a região nordeste acabaram influenciando a formação do cangaço brasileiro.

Em contraponto com esta concepção de Hobsbawm, estão os estudos de Frederico Pernambucano de Mello que discorda dessa definição simplista. Frederico mostra em seus estudos que o cangaço é um movimento complexo e chega à distingui-lo em três tipos mais comuns de cangaço: o cangaço por vingança, a ação do indivíduo é motivada puramente por vingança; o cangaço-refúgio, que era utilizado por aqueles que viam o cangaço como um refúgio, uma forma de salvação daquela vida de sofrimento que costumavam levar no seu dia a dia; e por fim o cangaço-meio de vida, que era o qual Lampião se encaixava, e pode ser definido como aquele tipo onde seus líderes dedicam grande parte da sua vida para o cangaço, ou seja, todos os propósitos da sua vida estavam voltados para o cangaço, o via como uma profissão mesmo.

Qual o papo na sala de aula?

Além deste primeiro grupo de pessoas que participaram das entrevistas, um segundo grupo foi selecionado, como já foi dito, também foram selecionados jovens que estudam no 3º ano do Ensino Médio da rede pública da cidade. A motivação para a escolha deste grupo foi entender de que maneira os jovens veem Lampião e seu bando associados a história da cidade, como também analisar se os acontecimentos ligados ao cangaço na cidade ainda estavam sendo repassados nas rodas de conversa, aulas de história ou ações da prefeitura da cidade. Os critérios para escolha dos jovens ainda permeiam a necessidade do estudante ter cursado os três anos do ensino médio regular em escolas do município, justamente porque

⁹Depoimento de Nicinha de Almeida, Canindé de São Francisco, Sergipe, 05 de agosto de 2023.

queria-se saber como o assunto cangaço era tratado na sala de aula e até mesmo se era conteúdo aplicado ou não.

As opiniões foram, no geral, bastante divergentes, alguns o viam como justiceiro, outros como criminoso. Uma percepção em especial chamou atenção, a da aluna Maria Aparecida Cipriano, estudante do 3º ano do Colégio Estadual Delmiro de Miranda Britto. Ao ser questionada sobre seu olhar ao cangaço, respondeu:

É muito relativo, porque por um lado ele lutava pelos seus direitos e pelo povo do sertão, mas por outro lado o bando dele invadia casas e fazia coisas ruins, sempre fico dividida, mas ainda acho que ele lutava pelos seus direitos. [...]de alguma forma fez parte da história da cidade e as pessoas quando lembram de Canindé associam diretamente ao cangaço e Lampião, então eu acho que de alguma forma ele é importante, tanto pra cidade no sentido turístico, quanto também no sentido histórico.¹⁰

A jovem além de abordar Lampião como justiceiro, amenizando seus crimes, relaciona o cangaceiro com a história do município, o que nos leva a ver a cidade de Canindé de São Francisco como lugar de memória do cangaço. E o que é um lugar de memória? Como define o autor Carlos Henrique Farias Barros, os lugares de memória “são criações da sociedade contemporânea para impor determinada memória, que a concepção de memória nacional ou identidade regional constitui formas de violência simbólica que silenciam ou uniformizam memórias plurais” (2013, p.13). Sendo assim, a cidade exerce a função de meio propagador da história e de ligação direta com a memória por estar relacionada imediatamente a acontecimentos do cangaço.

Como forma de exemplificar, vejamos o caso da Grota do Angico - SE que fica na divisa entre os municípios de Canindé de São Francisco e Poço Redondo, local onde foram mortos Lampião, Maria Bonita, mais 9 cangaceiros e um policial. Tornou-se um lugar de memória do Cangaço pois o termo criado por Pierre Nora, contempla sua função: ao falar de cangaço um dos primeiros lugares a serem associados é Angico, portanto este local tornou-se um fomentador e parte da identidade da memória coletiva do cangaço nestas cidades. O espaço é uma forma dos moradores daquele lugar, visitantes e interessados no tema manterem sempre preservado o vínculo com o passado.

A fala da aluna ainda apontou a importância do cangaço para o desenvolvimento do turismo na cidade, pois segundo a mesma, é uma forma de levar visibilidade ao local, associando com a cultura. A História vem sendo utilizada há muito tempo como aliada ao turismo seja com relação à cidades que em seu território tenham Patrimônios Históricos e

¹⁰ Depoimento de Maria Aparecida Cipriano, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Culturais tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, ou cidades que foram importantes no decorrer do período colonial, o fato é que onde quer que tenha turismo, existe História. E com o município de Canindé de São Francisco não é diferente, seu território é conhecido pelos belos Cânions do São Francisco, recorde em visitas na cidade, porém o turismo canindeense tem muito mais a oferecer, já que ela é a cidade sergipana com o maior número de sítios arqueológicos, além de dividir a Grota do Angico em seu território com Poço Redondo.

Sendo assim, o apontamento da aluna foi interessante pois ela levantou a hipótese de Canindé não aproveitar devidamente o fato de pertencer à Rota do Cangaço, já que promoveu poucas ações voltadas ao tema se comparada às suas cidades vizinhas Poço Redondo -SE e Piranhas - AL. Poço utiliza da História do Cangaço frequentemente em suas ações, já que além da Grota do Angico também pertencê-la, tem historiadores em seu território que promoveram o tema, além de contar com monumentos em homenagem à Virgulino e ter enviado um grande número de poço redondenses ao cangaço. Já Piranhas é uma região turística, que além de utilizar de sua história com o período colonial, e o fato da presença da Maria Fumaça em seu território, conta com o Museu do Sertão, que abriga em seu acervo peças originais do cangaço como punhais, cinzeiros e réplicas de cartas trocadas por Lampião à coronéis e delegados locais. Piranhas conta com um centro comercial que utiliza-se da temática para nomear estabelecimentos, pratos e até a construção do artesanato local.

No momento em que Maria Aparecida foi questionada sobre como a temática cangaço está sendo repassada através de ações do turismo local através da secretaria municipal, respondeu:

Em questões de ações da prefeitura eu acho que eles deveriam investir mais nesse tema. Acho que a prefeitura de Canindé deveria investir mais em turismo e deveria ter um acordo com a cultura e unir os dois. A Grota do Angico é um ótimo lugar pra visitar e a nossa cidade deveria investir mais nisso, passar em escolas para convidar para conhecer a história real, porque tem gente que mora aqui em Canindé e nem sabe a história de Lampião.¹¹

A contribuição de Maria nos faz pensar na relação entre a memória do cangaço e a construção da identidade do cidadão canindeense. Pois como cita Carlos Henrique Farias Barros “a questão da memória impõe-se por ser base da identidade, e é pela memória que se chega à história local” (2013, p. 15). Logo, a passagem do bando de Lampião por terras canindeenses, tenha causado inimizades ou praticado benevolências para determinados

¹¹Depoimento de Maria Aparecida Cipriano, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

grupos, já faz parte da identidade desse povo, a memória se constitui no imaginário coletivo, seja em rodas de amigos ou família, sempre estará sendo repassada.

Outra imagem que se tem do cangaceiro em Canindé é a do cangaceiro vingador, que entrou no cangaço motivado por um crime cometido por autoridades locais contra a sua família. Essa visão foi compartilhada tanto pelos moradores que vivenciaram o cangaço de certa forma quanto pelos jovens entrevistados. Realmente, alguns cangaceiros primordialmente queriam vingar-se de alguém ao entrar no cangaço. Mas o pesquisador Frederico Pernambucano Mello ao levantar dados descobriu que:

Como se pode verificar, há uma contradição verdadeiramente desconcertante entre palavras e ações. O cangaceiro alardeava a condição de vingador e pouco ou nada fazia para concretizar sua vingança. No princípio, alguns tiroteios, cercos, emboscadas; em etapa seguinte, a acomodação chegava a ser completa (1985, p.127)

A concepção de vingador teve origem na história de vida de Lampião e popularizou-se no imaginário popular de uma maneira geral para todos os cangaceiros. Essa representação está entrelaçada às origens do homem do campo, pois para este, a moral e o respeito eram virtudes fundamentais para sua vida. Atentar contra a honra destes homens de maneira direta ou indiretamente, ao envolver família, era imperdoável e se esperava que a vítima buscasse vingança. Assim, o cangaceiro que estava atrelado a essas narrativas acabou adentrando no mundo do crime por vingança. De todo modo, observa-se que a literatura popular da época, através de contos e cordéis, engrandeceu os atos de alguns cangaceiros para retratá-los como corajosos, bravos e valentes, mesmo que na realidade estes não tenham concretizado tal vingança.

Recentemente a imagem de Lampião passou por um processo de mudança, pois o cangaço passou a ser celebrado pela cultura nordestina em diversos âmbitos, seja em seminários, na literatura, em apresentações, festivais, na teledramaturgia e até na música, a exemplo da utilização em tema de escola de samba, como foi o caso da Mancha Verde em São Paulo que em 2023 fez um desfile com o enredo “Oxente – Sou xaxado, sou Nordeste, sou Brasil”. Esse movimento contribuiu para que o imaginário popular adquirisse novos pontos de vista, Lampião agora havia se transformado em uma espécie de Robin Hood, que fez tamanhas crueldades motivado pela vontade de resolver injustiças sociais de seu povo. O imaginário dos moradores de Canindé acabou sendo formado também nesse contexto, pois ao conversar com D. Delfina sobre sua visão às ações de Lampião respondeu:

É que Lampião não era assim essa pessoa tão ruim não, não era só crueldade não. Agora ele tinha uma coisa, não pisasse no calo dele e principalmente com mentira. Aí tem até um caso, você falou que era pra encerrar mas eu vou dizer. Diz que o próprio Lampião, falou para um cangaceiro. Eles passaram e tinha uma criancinha numa determinada casa, a criança brincando no terreiro e ele percebeu que ela estava precisando de alguma coisa. Andou um pouco, olhou para um dos cangaceiros, pegou uma moeda e disse “ volte, vá naquela casa que a criancinha estava brincando que eu senti que ela estava precisando de alguma coisa, dê essa moeda para ele. Aí o cangaceiro foi lá na casa com a moeda e voltou. Quando voltou Lampião disse “entregou?”, aí ele disse “entreguei capitão”. E Lampião perguntou “o que foi que ele fez na hora que recebeu a moeda?”(cangaceiro) “Ficou jogando, brincando no chão”. E ele disse “ Cabra safado! Desça aí agora que eu vou lhe ensinar o que é ser direito. Volte e vá entregar, seu cabra safado, criança quando pega as coisas, vai direto pra boca e não jogar no chão não. Aí ele voltou e entregou realmente. Então todos nós temos nossas virtudes e defeitos.¹²

A canindeense reportou uma visão humanizada do cangaceiro, adotando compreensão que as pesquisas recentes sobre o tema costumam seguir. Nem bandido, nem herói, como a própria Delfina nos conta “um homem com virtudes e defeitos”, e para fortalecer a narrativa conta um fato que não se sabe a veracidade, mas que vem sendo repassado de geração em geração na família Fernandes. Além disso, acrescenta-se a esta ideia os resultados das pesquisas do historiador Marcos Edilson Clemente de Araújo em seu livro *Lampião Aceso: o cangaço na memória coletiva* o autor nos mostra que esta visão “adocicada” de Lampião tem relação com sua utilização “como alternativa para a atualização de questões políticas regionais, entre as quais a luta pela posse de terra e pela justiça” (2009, p.163). Ou seja, a imagem de bandido, voltou-se à uma espécie de bandido-herói símbolo de resistência contra grandes proprietários de terra e crimes locais que atentassem ao pudor da sociedade sertaneja.

Essa visão também se repetiu entre os jovens entrevistados, como é o caso da estudante Williane que ao ser perguntada sobre como analisa o líder cangaceiro diz:

É bem complicado, a gente olha o lado dele, até porque querendo ou não, ele queria o bem da sociedade, do modo torto dele, mas quando ele mata pessoas e faz maldades, a gente já vê ele de uma maneira diferente. Na minha forma de pensar eu não vejo ele como vilão, eu vejo que ele marcou a história do nosso lugar, porque associam bastante à nossa terra ao cangaço. Para mim é compreensível toda a história dele.¹³

¹² Depoimento de Delfina Fernandes Alves, Canindé de São Francisco, Sergipe, 29 de junho de 2023.

¹³ Depoimento de Williane Santos Silva, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Apesar de sempre se mostrar ambígua em relação ao que acredita, a jovem enfatiza o lado justiceiro de Virgulino, tomando-o como superior ao lado do cangaceiro perverso. É interessante notar que os pontos de vista dos estudantes, apesar de coincidirem em alguns momentos, são em sua maioria diversos. Esta é uma característica da memória coletiva, o grupo partilha o mesmo momento histórico, mas apresentam concepções diferentes sobre o tema. Lucélia Neves aponta que “uma das maiores potencialidades da metodologia da História Oral refere-se ao seu caráter heterogêneo e essencialmente dinâmico de captação do que passou, segundo a visão de diferentes depoentes” (Neves, 2009, p. 112), e este fator foi sendo observado durante todo o processo de pesquisa deste trabalho, quanto mais próximo o entrevistado foi do tema, mas distinta era sua visão.

A imagem de Lampião faz parte do imaginário sertanejo, e apesar deste ter atravessado os sertões levando de forma oral toda sua valentia, não é responsável por isso sozinho. De acordo com o historiador Marcos Clemente, “meios impressos diversos contribuíram para moldar a sua lenda, sejam folhetos, sejam os jornais ou mesmo os escritores. Acrescente-se o papel desempenhado pelo cinema e pela televisão” (2011, p. 173). Portanto, se faz necessário entender que o imaginário coletivo sobre o caráter de Lampião seja ele positivo ou como criminoso, não se construiu apenas com a história local, ou com vivências pessoais, os diversos meios de comunicação tiveram sua participação.

O Lampião se apagou?

Um dos propósitos deste trabalho era entender como a cidade de Canindé tratou deste tema na atualidade, seja através de rodas de conversa, palestras, sala de aula ou eventos. A partir das entrevistas realizadas com jovens e adultos, notou-se que a temática vem sendo esquecida em alguns ambientes, a sala de aula vem sendo um destes. Quando perguntada sobre se a cidade está tratando do tema em seus espaços, a jovem Anne Gabriela F. Almeida de 18 anos, estudante do Centro de Excelência Dom Juvêncio de Brito, respondeu:

Não, está sendo esquecida, por mais que deveria ser tratada como prioridade, pouco se vê a história da nossa cidade ser debatida nas salas de aula, cada vez mais está se tornando escasso os jovens que conhecem a história do seu povo, todos os momentos importantes que nossa cidade presenciou. Falar da nossa história é relembrar momentos, evitar erros cometidos no passado e melhorar para o futuro.¹⁴

¹⁴ Depoimento de Anne Gabriela Freitas Almeida, Canindé de São Francisco, Sergipe, 22 de agosto de 2023.

A fala da canindeense denota uma certa preocupação diante do abandono do tema na cidade, no sentido de falta de ações culturais, que debatam qual a relação do cangaço com a história da pequena cidade, e não apenas tratar de cangaço em épocas específicas do ano, à exemplo do São João onde de grupos de xaxado apresentam-se em festas escolares, tratando do tema de maneira superficial¹⁵. Ao ser questionada sobre como o tema vem sendo apresentado em sala de aula demonstrou que o fato do calendário escolar ser “corrido”, segundo a jovem, o tema é visto de maneira rápida na disciplina de história.

Situação diferente foi encontrada na realidade dos alunos do Colégio Estadual Delmiro de Miranda Britto. Alguns dos alunos entrevistados relatam que não chegaram a ver o conteúdo em sala de aula, grande parte destes alega que a motivação para isso foi o fato de terem cursado os dois últimos anos de aula na pandemia, já que para adaptar-se ao ensino remoto, os professores precisaram de tempo para participar de cursos e treinamentos. Mesmo com o investimento de órgãos públicos, o ensino remoto durante época de pandemia foi desigual para os jovens, pois muitos não tinham acesso à internet ou ao menos um aparelho celular, levando ainda em consideração a saúde mental dos jovens nesse período de aflição. Os entrevistados apontaram ainda que ao voltar às aulas, os professores desenvolveram estratégias para ministrar os conteúdos, e houve um processo de seleção de temas, neste contexto o cangaço não foi contemplado. Um fato curioso foi que a disciplina que os jovens mais trataram sobre este tema não foi História, mas sim Arte, mostrando o quanto o tema pode ser interdisciplinar.

Canindé é uma cidade rica em acontecimentos históricos, é lugar de memória e sua importância deve ser lembrada em todos os âmbitos de seu território, a sala de aula é o mais importante deles, pois é a maior aliada para preservar e divulgar a memória local. O pesquisador Carlos H. F. Barros aponta que “O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam” (2013, p.3).

Portanto, o Ensino de História age como meio de preservação da memória da participação da cidade nos acontecimentos do período em que o cangaço passou por terras sergipanas. De acordo com o currículo sergipano, os estudantes devem ter acesso ao tema cangaço desde o Ensino Fundamental, mais precisamente no 9º ano, pois segundo a

¹⁵ Durante a confecção deste trabalho o município de Canindé de São Francisco teve uma importante vitória judicial na delimitação de suas fronteiras com a cidade de Poço Redondo. O território que compreende a Grota do Angico passa a ser de Canindé, e diante disso o assunto cangaço passou a ser debatido em âmbito público, chegando à ser realizada até a 26ª Missa do Cangaço já em nome do território canindeense.

Habilidade EF09HI05 é necessário “Identificar os processos de urbanização e modernização da sociedade brasileira e avaliar suas contradições e impactos na região Nordeste e no território sergipano. E compreender o cangaço como contestação e resistência (...)”¹⁶. Além disso, o Currículo Sergipano do Novo Ensino Médio também exige como competência para História o seguinte:

Analisar o quadro social, econômico político do Brasil com base fontes (mapas, tabelas, imagens infográficos etc) e relacioná-los ao contexto das lutas e guerras empreendidas no território Brasileiro em diferentes momentos, com ênfase para a Guerra de Canudos, para a Guerra de Contestado, para o cangaço e outras existentes na experiência republicana brasileira.¹⁷

Sendo assim, percebeu-se que apesar da organização curricular incluir o tema como uma pauta obrigatória, nem todas as escolas conseguiram contemplar em seu calendário aulas voltadas à temática cangaço, a exemplo da escola em que se entrevistou a maioria dos alunos. Não foi possível entrevistar a equipe de professores do colégio, pois os mesmos não dispunham de tempo no período em que as demais entrevistas foram realizadas. A hipótese levantada é que com as adversidades que acontecem no dia a dia de uma escola, como greves e paralisações, a quantidade de aulas com horário regular de um professor diminui, fazendo-o ter que priorizar temas em detrimento de outros.

Conclusão

Ao buscar compreender a memória coletiva da população de Canindé de São Francisco sobre o cangaço, observou-se que esta se formou de maneira diversa. Entre aqueles que viveram o período ou possuíam avós que vivenciaram, se sobressai uma visão da cabroeira como criminosos e violentos. Foi notório o desejo de desassociação de seus familiares com o cangaço. Já entre os estudantes entrevistados percebeu-se que os pontos de vista são múltiplos, já que boa parte formou suas concepções a partir de rodas de conversa com família, amigos, e produções literárias ou cinematográficas sobre o tema.

A entrevista oral se manteve como o meio mais eficaz para a realizar esta pesquisa pois alguns dos participantes eram analfabetos sendo impossibilitados de responder perguntas de maneira escrita, além de não possuírem aparelhos celulares que os possibilitassem responder um formulário online por exemplo. A quantidade de entrevistados não foi o suficiente para formular dados precisos, por isso os resultados obtidos nesta pesquisa não devem ser generalizados para a concepção da população total da cidade. Além disso, a

¹⁶ Currículo de Sergipe: Educação Infantil e Ensino Fundamental, 2018, p. 475

¹⁷ Currículo de Sergipe: Ensino Médio, 2022, p. 176.

entrevista possibilitou uma conversa mais fluida, permitindo que os participantes resgassem memórias significativas que não estavam previstas nas perguntas previamente preparadas.

A sociedade canindeense entrevistada entende que é fundamental debater sua história com a cabroeira de Lampião, para que a memória destes anos não se vá, junto com quem as viveu. Por mais diversa que seja a percepção sobre a ação do bando, se foram bandidos ou justiceiros, a parcela de moradores entrevistada compreende que é importante debater e promover frequentemente o tema, pois ele está presente na formação da identidade do canindeense.

Referências

Fontes

1. Depoimentos

Aline Lorrane da Silva Martins, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Anne Gabriela Freitas Almeida, Canindé de São Francisco, Sergipe, 22 de agosto de 2023.

Clara Alice Costa Santos, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Delfina Fernandes Alves, Canindé de São Francisco, Sergipe, 29 de junho de 2023.

Ellen Vitória da Silva Santos, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Jayne Alves Bezerra, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Maria Aparecida Cipriano, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Nicinha de Almeida, Canindé de São Francisco, Sergipe, 05 de agosto de 2023.

Roniel Ferreira Santos, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Rose Carla da Silva Evangelista, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

Williane Santos Silva, Canindé de São Francisco, Sergipe, 08 de agosto de 2023.

2. Documentos

PRADO, Áurea SÉrgia Oliveira (Cord.); OLIVEIRA, Kelly Araújo Valença (Cord.); LIRA, NÚbia Josania Paes de (Cord.). *Currículo de Sergipe: integrar e construir: educação infantil e ensino fundamental*. Aracaju, SE : Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura, 2018.

SANTOS, Isabella Silva dos (Org.); SOARES, Mariana Fátima Muniz (Org.). *Currículo de Sergipe: integrar e construir : ensino médio / org. Isabella Silva dos Santos, Mariana Fátima Muniz Soares*. Aracaju, SE : Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura, 2022.

3. Obras

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da História Oral*. 8ª ed, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. *História oral: desafios para o século XXI* [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p

BARROS, Carlos Henrique Farias de. *Ensino de História, memória e história local*. Revista de História da UEG, v. 2, n. 1, p. 301-321, 27 ago. 2013.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Cangaço e memória*. Educação em debate, Fortaleza, ano 21, v. 37, p. 26-31, 1999.

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araujo. *Lampiões acesos: o cangaço na memória coletiva*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2009.

COSTA, Alcino Alves. *Lampião além da versão*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1996.

COSTA, Alcino Alves. *Canindé de São Francisco: seu povo, sua história*. Aracaju: Futura Gráfica e Serviços Ltda., 2006.

COSTA, Alcino Alves. *Lampião em Sergipe*. Aracaju: Editora Diário Oficial, 2011.

D'ALESSIO, Márcia M. *Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação*. História Oral, 4, 2001, pg. 55 - 77.

DANTAS, Ibarê. *Coronelismo e dominação*. 2. ed. Aracaju : Criação Editora, 2019.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. 8ª edição - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. Trad: Donaldson Magalhães Garschagem. 2ª edição. Editora Forense-Universitária. Rio de Janeiro, 1976.

OLIVEIRA, V. F. de. (2009). *Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral*. História Oral, 8(1). Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v8i1.118>.

LE GOFF, Jacques. (org.) *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.

MELLO, Frederico P. de. *Guerreiros do Sol: o banditismo no nordeste do Brasil*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: 1985.

NEVES, L. de A. *Memória, História e sujeito: substratos da identidade*. História Oral, [S. l.], v. 3, 2009. DOI: 10.51880/ho.v3i0.25. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/25>. Acesso em: 7 set. 2023.

NORA, Pierre. *Memória Coletiva*. Em LE GOFF, Jacques. A Nova História. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

NORA, P.; AUN KHOURY, T. Y. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 10, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/1-2101>. Acesso em: 14 ago. 2023.

PORTELLI, Alessandro. *Memória e diálogo: Desafios da História Oral para a ideologia do século XXI*. In: MORAES, Marieta, FERNANDES, Tânia Maria & ALBERTI, Verena (orgs.). *História Oral: Desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ/FGV-CPDOC, 2000.

SOUZA, E. F.de *A memória como ferramenta para uma historiografia regional*. Revista de História Regional, [S. l.], v. 27, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/20056>. Acesso em: 4 ago. 2023.

_____. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. São Paulo: Educ, 1993

Anexos

Anexo 1 - Roteiro de entrevista para estudantes do 3º ano

1. Qual seu nome ?
2. Idade.
3. Naturalidade.
4. Mora em Canindé à quanto tempo?
5. Cursou o Ensino Médio todo em instituições públicas de Canindé?
6. Lembra de ter estudado o cangaço ou movimentos de revolta no nordeste durante o período da República Velha, como a Guerra de Canudos (1896-1897) ou a Guerra do Contestado (1912-1916)?
7. Já estudou ou teve conversas com seus colegas de turma /amigos sobre Lampião e o cangaço de forma geral? Se sim, quais suas memórias dessas conversas?
8. Você sabia que o bando de Lampião passou pelas terras canindeenses? Qual sua opinião sobre ele? A partir dos seus conhecimentos em sala de aula ou conversas com amigos, como você vê a figura de Lampião?

9. Recentemente a Grota do Angico (local de morte de Lampião e seu bando) passou a pertencer a Canindé. Para você, o cangaço é importante na história da cidade? Se sim, por quê?
10. Para você a cultura da cidade de canindé está esquecendo o cangaço? Ou essa história ainda está sendo repassada?

Anexo 2. Roteiro para aqueles que viveram o cangaço em Canindé

1. Nome.
2. Idade.
3. Nasceu e viveu em Canindé por toda a vida?
4. Teve contato com o cangaço de maneira direta ou através de algum familiar?
5. Sua família vivia aqui na década de 1930?
6. Tem alguma história com o cangaço que você lembre e possa contar? Os cangaceiros passaram nas terras da sua família ou próximo ?
7. Você já ouviu falar sobre o fato do cangaceiro Zé Baiano ter ferrado as mulheres canindeenses Maria Marques, Anisia e Isaura de Birrinho? Se sim, o que falaram?
8. Já conheceu ou ouviu falar de algum coiteiro em Canindé? Se sim, quem? Na sua visão a relação com os cangaceiros favorecia o coiteiro de alguma forma?
9. Qual a sua visão sobre o bando de Lampião? Para você eles se aproximavam de ser considerados heróis ou bandidos?